

■ NACIONAL

Economia - Brasil

Lehman Brothers recomenda o Brasil

por Fernando Dantas
do Rio

John H. Welch, vice-presidente sênior da Lehman Brothers, e economista-chefe do banco de investimentos norte-americano para a América Latina, acredita que o processo democrático no País é um trunfo para o sucesso da sua estabilização.

"Na democracia, as coisas andam mais lentamente, mas há a grande vantagem de que os progressos que já foram feitos não podem ser revertidos rapidamente; a democracia acaba funcionando como uma apólice de seguro contra a reversão do que já foi realizado", disse Welch, presente ontem ao 14º Encontro da Sociedade Latino-americana de Econometria.

Welch, otimista quanto ao crescimento econômico do Brasil, se colocou em uma posição totalmente contrária à do economista norte-americano Robert Barro, que tem uma visão basicamente pessimista sobre o País, e prevê a volta de altos níveis de inflação. Em uma projeção de crescimento de renda per capita de cem países realizada pelo economista, o Brasil figura entre as piores posições.

Para Barro, a ligação entre democracia e crescimento é muito fraca, e o economista defende o presidente Alberto Fujimori no episódio em que este promoveu uma drástica redução das liberdades de-

mocráticas no Peru. Em nenhum momento, porém, Barro defendeu a eliminação ou redução das liberdades democráticas no Brasil.

Welch está basicamente otimista com o Brasil, e as previsões de crescimento da Lehman Brothers, de 4,1% em 1996 e 4,8% em 1997, estão acima até das projeções do governo brasileiro.

Para o economista da Lehman Brothers, trabalhos como o de Barro sobre a renda per capita, que abrangem um grande número de países, têm o problema de não levar em consideração a conjuntura específica de cada nação. "Estudos deste tipo perdem o contexto de cada país", ele observou.

No caso do Brasil, país que ele acompanha atentamente e onde chegou a morar, o otimismo de Welch é baseado em uma avaliação positiva da estratégia política do governo Fernando Henrique Cardoso. Ele considera, como Barro e quase todos os economistas, que a situação fiscal é muito insatisfatória, mas considera que o governo deve achar um caminho político para resolver o problema. "Com Fernando Henrique Cardoso, o processo democrático caótico ganhou uma direção, e o Brasil reencontrou o centro político que havia sido perdido nos anos 80", avaliou.

Em relação à situação fiscal de 1996, há elementos negativos e po-

sitivos, para Welch. O superávit primário acumulado no ano, por volta de 0,6% do PIB, está abaixo das previsões da Lehman Brothers, de algo superior a 1%. As despesas do governo com juros acumuladas no ano, por outro lado, já caíram para 3,7% do PIB, quando a previsão da instituição para o ano era de 4,5%. A projeção para o déficit público operacional está em torno de 2,5%, e para o nominal de pouco menos de 4%.

Um fator positivo no Brasil

atualmente, para o economista, é que a questão fiscal ganhou o centro das atenções e da preocupação do governo: "A reação do governo à declaração de Barro (de que o Plano Real não é sério o suficiente, por sua fraqueza no lado fiscal) é uma prova disso", disse Welch, referindo-se à veemente resposta do ministro da Fazenda, Pedro Malan, que disse que as críticas de Barro eram "óbvias".

O economista da não crê que outras crises do tipo mexicano afetem

os mercados latino-americanos, e disse não se surpreender que nada de catastrófico tenha se seguido à saída de Domingo Cavallo do Ministério da Economia na Argentina.

Para Welch, o mercado latino-americano está mais desenvolvido, e os investidores mais amadurecidos, fazendo distinções de risco entre países e papéis. Ele observou, inclusive, que houve um desligamento parcial entre a alta das taxas de juros americanas e a queda dos títulos latino-americanos: "Os

juros do "long bond" subiram de 6% até 7,25% em um período de alta dos Brady Bonds", ele disse.

Welch acrescentou que a hipótese mais pessimista do mercado para a maior alta dos juros do títulos de 30 anos do Tesouro americano nos próximos doze meses é da própria Lehman Brothers, uma volta ao patamar de 7,25% (o juro está em cerca de 6,7% atualmente). Para ele, mesmo aquele cenário de juro a 7,25% é excelente para a América Latina.